

Corpo e Espaço nas “capas” de *Carbono Alterado*¹

Ana Carolina Almeida SOUZA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Carbono Alterado é uma narrativa de ficção científica, que se passa em um futuro, onde a consciência de uma pessoa pode ser armazenada em um cartucho eletrônico, localizado na base do cérebro. No caso de uma morte do corpo original, é possível fazer o download desse cartucho em uma nova “capa” e sincronizar as lembranças e conhecimentos que foram armazenados no sistema. Da série de livros, escrita por Richard Morgan e Edmo Suassuna, uma série foi produzida pela Netflix e é partir dela que pretendemos fazer esse artigo, baseando-se na ideia de um corpo que é ligado ao espaço, através de um vetor distópico em comum e a partir de um gesto metodológico proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Carbono Alterado; Corpo; Espaço; Poder; Distopia.

CAPAS DESCARTÁVEIS

Takeshi Kovacs, um ex-militar de elite e Emissário³, que, após sua última morte, tem sua consciência transportada a Bay City, a antiga São Francisco, e é trazido de volta à vida para solucionar o assassinato de um magnata. Dessa vez, em um corpo jovem e bem treinado, Kovacs sente que pode alcançar algumas respostas, desde a morte de sua irmã e grande amor, mesmo que não tivesse sido o seu plano ser acordado naquele momento. Principalmente por um Matusa.

Kovacs conhece os Matusas e não gosta deles. Grandes magnatas e imortais seres, que fazem clones de si mesmos para se manterem vivos e com a mesma aparência eternamente, usam da sua influência e poder para controlar tudo e todos os enlaces ao seu redor, e Kovacs sabe que eles só têm interesse na promessa da imortalidade que o cartucho traz consigo. Algo que esse personagem, particularmente, acha deplorável, já que sua

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social, PPGCOM UFMG, e-mail: acas.jornalista@gmail.com

³ Aqui temos uma missão secundária de não dar ‘spoiler’. Sobre os Emissários podemos pontuar que eram pessoas que não se identificavam com a ideia de um retorno indefinido de si e lutavam contra isso. A realidade dos Emissários ficaram há muitos anos da situação de retorno de Kovacs e que por isso viviam em uma realidade arquitetonicamente diferente da que vemos no enredo de Bay City do futuro, essa questão é importante para perceber uma mudança que há, inclusive de ritmo da narrativa quando são ‘flashbacks’ e quando são situações do contexto atual.

crença é a de que é necessário viver uma vida e fazer o melhor dela, caso contrário a existência não tem sentido. O que é um pouco irônico, já que ele viveu em tantas “capas”...

Neste artigo não pretendemos ir tão longe, analisando as questões filosóficas imbricadas no parágrafo acima. Na verdade, queremos usá-la como pontapé inicial para algumas ideias que nos ocorreram: Seriam as “capas” espaços? Ou pelo menos sinônimo delas? Poderiam ser os corpos vistos sob a perspectiva espacial?

Para que isso seja possível, precisamos propor uma análise em duas partes aqui, uma que se baseia nos conceitos de Corpo e Espaço, de modo a tentarmos traçar uma linha em comum entre as duas e, em sequência, aplicar um método proposto para conferir se estamos a frente de um Corpo que é possível de ser visto pelo Espaço, e que tipo de análise podemos tirar daí, vendo esse contexto através das ideias de geopoder e o biopoder?

BIO E GEOPODER

Ao falar de Espaço e Corpo em sua teoria, nessa parte do artigo, queremos começar por uma citação que nos inspirou a propor essa relação: “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 2004, p. 63). Em sua ideia, Milton Santos afirma que todo o Espaço⁴ é uma convergência de tecnologias, interações sociais, relação com o espaço e afins tessituras que, apenas juntas, funcionam para entender e explicitar tais particularidades.

Dessa forma, já começamos esse trabalho com as ideias de que: 1 – não podemos desassociar o Espaço das relações que ocorrem nele, para ele e a partir dele. 2 – O Espaço não é um conceito fixo e dócil, o qual o vemos em sua suposta materialidade.

À medida que nos afastamos do século XIX, o social redimensiona o espaço cada vez com mais ênfase e exige que o consideremos como complexidade científica que desafia o conhecimento. No século XIX, surgem a sociologia, o urbanismo e a comunicação e, naquele momento, parecia que se havia atingido o auge do enfrentamento do espaço como desafio ao conhecimento; porém, o século XX impõe que se considere os elementos heterodoxos que

⁴ Para este trabalho, quando usamos a palavra Espaço com letra maiúscula, estamos falando da categoria analítica e quando falamos de espaço com minúscula, estamos falando do espaço como lugar, arquitetura, ambiente, fronteira, etc. O mesmo se aplica à palavra Corpo, que quando em maiúscula diz respeito à categoria analítica e quando não fala de modo mais genérico a pessoa, ‘capa’ ou materialidade corporal.

fazem o espaço perceptível e instigante, ao mesmo tempo em que exige que ele seja enfrentado por si mesmo e distante da ortodoxia do tempo como medida do homem e da sua ação. O espaço se tornaria mais do que nunca, social e, agora cibernético, torna-se hipersocial. (FERRARA, 2008, p. 43).

Lucrécia Ferrara, como na citação acima, nos ajuda a reiterar a ideia de Santos, já que traz um repensamento do Espaço, a partir da noção de que ele não se restringe às suas características físicas. Isto porque a pesquisadora procura demonstrar que com o desenvolvimento de campos de pensamentos sociais, como a comunicação, a sociologia e o urbanismo, passamos a reinterpretar o espaço, tornando-o, não só um cenário, mas uma categoria de análise, muitas vezes capaz de nos colocar bem no meio das duas convergências.

Se pensarmos sobre o fato de se tratar de uma distopia, por exemplo, já temos alguns indícios de que tipo de Espaço e que tipo de relações estão operando ali. Já que, entendemos por distopia, um mundo sem idealizações sociais, no qual reinam os elementos satíricos, irônicos ou da pura exposição da ação ou da alienação do sujeito. Diferentemente da utopia, a distopia se afirma sob a ideia de que é preciso que haja uma tensão constante de que haja o poder do humano sobre o humano. Algo que recorrentemente dá errado e se repete sob domínio de um grupo de pessoas, para quem aquilo deu certo.

Recursos são acessados para que toda a estética do Espaço e da sociedade passem tais impressões. Sempre gigantesca, as arquiteturas dos regimes totalitários que costumam compor as distopias, são pensadas para impressionar, mas principalmente para reprimir, desde manifestações de independência, até atitudes individuais, forçando a população a viver de modo subjugado.

Para Maria Betânia Cavalcanti-Brendle (2003, p.79), “o padrão dos regimes totalitários é uma grotesca cosmética urbana. Sua arquitetura, de proporções gigantescas, é anacrônica, carregada de historicismos e convertida em símbolos políticos de poder, força, autoridade, vitória e, na maioria dos casos de instrumentos de autoglorificação.”, de modo que dão o tom do que significa a dominação do corpo, pela dominação do espaço.

A urbe (em distopias) pode ser vista então como espaço da perda da identidade, da anomia, da racionalidade e da solidão.(...) Em adição, é no espaço urbano que o sujeito se expande ao manter contato com outros sujeitos, tornando-se mais rico através das informações que emite e recebe, dos seus afetos e dos conflitos de que participa. Em utopias e distopias, a cidade é um grande meio que viabiliza tais relações. (FIGUEIREDO, 2011a, p. 119).

No mundo de *Carbono Alterado* as pessoas não são seus Corpos, na verdade, muitas delas nem ao menos estão ali, já que, além de ser possível transitar entre “capas” criadas em laboratório e de outras pessoas, ainda é possível colocar a consciência em robôs, animais e até dentro de virtualidades diversas. A idade, a aparência e as habilidades físicas são todas colocadas em cheque (literalmente), quando se torna possível fazer diversos *upgrades* em sua própria capa original e/ou mandar fabricar uma para si do zero. Se as “capas” aqui, são descartáveis e podem ser substituídas a qualquer momento, quem ou o que seriam os Corpos?

Se acessarmos a ideia de Michel Foucault (2011) sobre biopoder, talvez alguns desses enlaces nos pareçam mais claros, uma vez que para o pensador existe uma direta conexão entre o poder político de um soberano, e o poder sobre o corpo de quem lhe é súdito. Na História humana “o poder sobre a vida desenvolve-se, desde o século XVII, de dois modos. Num dos polos, atua por meio das disciplinas (...) e no outro atua sobre o corpo-espécie (...) trata-se da ‘biopolítica da população’.” (KOLINSKI MACHADO; COSTA, 2018. p.4). Seguindo essa linha, Francisco Ortega (2008) traz a noção de que o Corpo faz parte desse social e de suas interrelações com o poder, de modo que além do poder exercido sobre o Corpo, há uma sociabilização condicionada a partir de critérios que tangenciam o bio. Para o autor: “Criam-se novos critérios de mérito e de reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeitos baseados no desempenho físico” (ORTEGA, 2008, p. 31).

Tendo essas questões em mente, uma relação direta com as “capas” de *Carbono Alterado* entra em evidência e para uma melhor compreensão do que estamos falando, partirmos para uma ideia metodológica de análise, baseada no biopoder e no geopoder.

SOBRE ESPAÇOS E CORPOS

A primeira temporada inteira de *Carbono Alterado* opera sobre a noção do corpo descartável. O corpo que não importa e o corpo que pode ser substituído, basta que você tenha recursos e contatos para que isso seja feito. O termo “capa”, nesse caso, não poderia ser melhor, operando diretamente na lógica que a narrativa procura passar. Já que se tratam de “capas” que não importam, faz-se necessário pensar no que importa nesse mundo.

Buscamos no trabalho de Thamy Pogrebinski, 2004, uma discussão metodológica do próprio Foucault sobre o biopoder e encontramos uma divisão didática e interessante que pode ser um gesto a integrar a pesquisa.

1 - Localidade, que diz a autora ser o fato de Foucault olhar para o poder em formas e instituições locais, olhando para mecanismos específicos e gerais, de modo que "seu desejo é o de ir para além das regras de direito que organizam e delimitam o poder" (p. 182).

2 - Exterioridade ou objetivação é não olhar o poder a partir da sua intenção ou da sua decisão e sim como se dá um encontro do poder com o seu objeto.

3 - Circularidade ou Transitoriedade que está presente na ideia de que "o poder se exerce em uma espécie de rede na qual os indivíduos estão, a cada momento, seja em posição de exercer o poder, seja em posição de serem submetidos a ele" (p. 182).

4 - Ascensão, que é a visada de baixo (de quem recebe o poder) para cima (de quem manda o poder). "Foucault não busca compreender o poder pela via das instituições estatais, mas sim através de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos – e não gerais ou globais – de poder." (p. 183).

5 - Não ideologizada, propondo que é preciso se afastar das compreensões ideológicas do poder e substituir no lugar delas um dispositivo de saber.

Mesmo compreendendo de onde vêm a lógica foucaultiana de falar desses pré-requisitos, acreditamos que não seja possível pensar em uma lógica isenta de ideologia, especialmente ao pensarmos sobre o universo de *Carbono Alterado*. Há uma clara linha ideológica na ideia distópica e como tal, uma está imbuída da outra. Por isso, não consideraremos o percurso metodológico quinto proposto por Thamy e sim nos focaremos nos quatro primeiros que dizem respeito de um olhar que vai debaixo para cima, sobre uma realidade que pode mudar, mas que ao mesmo tempo é muito específica e as quais não são discutidos os seus objetivos e/ou decisões e sim como essa relação se dá na realidade do protagonista, que nesse artigo será o nosso objeto de poder.

nas obras (distópicas) tanto para evidenciar os mecanismos de opressão, como mostrar as alternativas de que o indivíduo dispõe para escapar do poder e preservar sua subjetividade. Mesmo oprimido, o indivíduo subsiste e busca conhecer o mundo que lhe foi negado com a implementação de uma verdade maior. Há fissuras no controle sobre o sujeito, sobre seu corpo e sobre o local onde vive. Em função destas fissuras, ele foge das grandes verdades, que nota serem artificiais, e refugia-se nas suas pequenas verdades, sobre as quais tem domínio e tenta exercer sua individualidade. (FIGUEIREDO, 2011b, p. 18 - 19).

Se pensarmos na figura de Kovacs como esse ser que tenta “refugiar-se nas suas pequenas verdades”, tal como Carolina Figueiredo fala dos protagonistas de *Admirável mundo novo* e *1984*, perceberemos que nas narrativas distópicas já existe uma relação entre a perda de si, como sujeito, a procura de si e a percepção de que há uma artificialidade nesse mundo, promovida pelos mecanismos de opressão ideológica e geográficos.

Ao nos apossarmos dessas ideias, também queremos propor um deslocamento até o geopoder, nesse caso figurado pelas ideias de distopia, que aqui se focam em como a cosmética urbana é um aviso de que existem pessoas subjugadas e as que subjugam; e com a relação que fazemos com a tripartição de David Harvey (2012), que falava do Direito à Cidade:

1 – Espaço absoluto: Ligado ao que é fixo, fronteiro, como a propriedade privada, os Estados, os planos urbanos e as grades urbanas. Aqui é onde a cosmética é materializada, ou seja, onde é possível ver o que foi construído, como e que tipo de estética estamos falando.

2 – Espaço relativo: Um espaço baseado na ideia da relatividade, o qual o observador é o ponto crucial de compreensão, o espaço relativo se configura nas influências externas, que são internalizadas em processos ou ações específicas, através do tempo. Em *Carbono Alterado* podemos levar em conta de onde vemos o que vemos, ou seja a partir de que elementos somos apresentados para o que estamos vendo e o que tais elementos mostram sobre aquele espaço.

3 – Espaço relacional: Neste espaço, Harvey defende que nenhum evento pode ser compreendido apenas sob um prisma de acontecimento, sendo necessária uma compreensão ampla do todo. Também é nesse espaço que sensações, desejos, identidades, intenções e vontades entram em cena. Pode se referir ao ciberespaço também. O Espaço que é passível de modificações e reinterpretações.

Aqui se faz importante ressaltar, que Harvey argumenta que nenhum espaço deve ser considerado mais importante que o outro, já que as relações sociais acontecem de modo cambiante e fluido entre eles. Tanto que o autor considera que o espaço relacional pode conter o absoluto e o relativo; o relativo pode conter o absoluto, mas o absoluto só contém ele mesmo e que a decisão de utilizar uma, ou outra concepção depende certamente da natureza dos fenômenos analisados.

“Ver o espaço como palavra-chave, nesse sentido, consiste em compreender a maneira pela qual o conceito pode ser vantajosamente integrado dentro das meta-teorias sociais, literárias e culturais existentes, e examinar seus efeitos”. (HARVEY, 2012, p. 11), sendo esse o exercício que nos propomos, finalmente juntando, em um quadro, a tripartição de Harvey e as lógicas metodológicas de Thamy, em busca de criar categorias próprias, que poderemos utilizar para analisar o Corpo e o Espaço em *Carbono Alterdo*:

Corpo (capa que usa)	Espaço (onde habita)	Elementos que ele subjuga	Elementos para que ele seja subjugado
Matusas	Olimpo	Imortalidade (CD); Dinheiro; Impunidade; Clones (CF);	Backups (CD); Assassinatos (CF); Filhos (CF);
Droídes	Hotéis	Virtualidade (CD); Imortalidade (CD); Trânsito livre online (CD);	Trânsito restrito offline (CF); subalternos de seus hóspedes (CF);
Prostitutas	<i>Head in the clouds</i> (bordel)	Prazer (CF e CD); Dinheiro; Transitam entre corpos (CD);	Dinheiro; não controlam sua volta (CF e CD);
Emissários	Floresta	Força (CF); ideologia; Treinamento (CF e CD);	Não controlam sua volta (CF e CD); foram dizimados (CF);

SOUZA, 2018.

Legenda: CF (Corpo Físico); CD (Corpo

Digital).

Levando em conta o quadro acima, podemos perceber que os sujeitos se separam em categorias mais gerais, do que específicas, o que nos mostra que eles são agrupados por características específicas e que se cruzam em alguns momentos, mas que não são misturáveis simultaneamente. Ou seja, um emissário pode se transformar em um matusa, mas por questões geo e biopolíticas ele não poderá ser simultaneamente, a não ser que mude de capa, por exemplo. A exigência de um local específico de *habitat*, bem como a delimitação de características específicas restringe, inclusive, a circulação entre tais características, o que nos leva a crer, que a relação entre as características é mutável,

sendo que em cada momento um deles está exercendo poder sobre o outro, sob diferentes parâmetros.

É possível um prostituto exercer biopoder sobre um matusa através do corpo físico, depois invertendo o jogo, quando o matusa usa o poder financeiro para comprar o corpo (literalmente ou figurativamente) do prostituto; assim como é possível que um droíde controle o cartucho (CD) de um emissário no mundo virtual, sendo simultaneamente subjugado por uma prostituta que fugiu do *Head on the clouds* e se escondeu num dos hotéis, que exigem total subserviência dos droídes.

Também podemos pontuar que as linhas de ascensão são flexíveis, porque vai depender do jogo de poder que se estabelece, em cada determinado momento, assim como seria necessário olhar para cada caso, entendendo as suas relações e como o jogo de poder é dado. Com os exemplos acima, figurativos e baseados nos enlaces da série, (até para não dar spoiler), acreditamos ser possível vislumbrar essa precisão.

Agora, quando incluímos a questão espacial, perceberemos algumas questões interessantes, que influenciam diretamente nos esquemas de poder dessa narrativa. Na dimensão do Espaço Absoluto o Espaço é simplesmente o que ele é, sendo no quadro acima: o Olimpo, os hotéis, o prostíbulo e a floresta representados por suas zonas limítrofes e fronteiras bem delimitadas.

No Olimpo vivem os Matusas, só permitido entrar com convite e a arquitetura se assemelha aos condomínios fechados e afastados dos centros urbanos contemporâneos. Nos hotéis de droídes⁵ observamos uma estética ultrapassada e de hotéis antigos e tematizados, mesmo que seja totalmente conectado a enorme rede cibernética que permeia todos os cantos da cidade. O *Head in the clouds* é literalmente nas nuvens, afastado do centro e que exige voar para chegar, é uma casa de prazeres que utiliza prostitutas em carne e osso, virtuais e feitos em impressora 3D. A Floresta é uma zona inabitada, onde há natureza e temporalmente localizada quando ainda existiam os Emissários.

A dimensão espacial relativa tem a ver com o olhar do outro, então é o mesmo que analisarmos de que modo um Matusa ver o *Head on the clouds*, ou como um Emissário interpreta a função e/ou necessidade de um hotel de droíde. Tem a ver com as

⁵ É explicado na séries que existem outros tipos de hotéis, sendo muitos deles não mais geridos por droídes. A questão dos hotéis de droídes é que a partir do momento que alguém se hospeda tanto o hotel, quanto o droíde viram subalternos do hóspede, tendo a obrigação de protege-lo de qualquer forma.

percepções dos sujeitos com os seus espaços e os espaços de outrem, chega a exercer uma afinidade ali, mas não é algo no sentido de por em prática uma interação, vontade de mudança, e/ou relação propriamente dita. Logo, nesse caso vemos que é muito possível um prostituto invejar e almejar se tornar um Matusa, mesmo não tendo relação com a realidade dele, ao mesmo tempo que um droídes pode querer ser um prostituto, para se desvincular do hotel e de sua realidade, mesmo não tendo ideia de como funciona tal Espaço.

Já quando falamos da questão relacional do Espaço é quando verdadeiramente percebemos os enlaces de geo e bio poder, que são totalmente dependentes das interlocuções e interrelações dos indivíduos entre si e com os outros, percebendo o espaço como participante desse todo. Nesse caso, estamos olhando para como o corpo produz sentido no espaço e o contrário também, de modo que as ‘capas’ exercem o papel de uma espécie de ponte do sujeito, com o espaço que ele almeja ocupar.

Nessa questão, pensamos na relação que se estabelece, por exemplo, dos Emissários com a floresta. A Floresta não é apenas o local onde eles moram, mas é uma espécie de refúgio, um lugar de proteção, e/ou de lar, tem um vetor idílico e quase utópico no que essas pessoas estão buscando e porque treinam os seus corpos físicos e “corpos originais” para tentarem conseguir. Ao mesmo tempo, essa floresta se torna zona de guerra e dizima seus integrantes, ao entrarem em conflito de poder com os matusas, que buscam uma vida sem questionamentos.

Relação que também pode servir para olhar o espaço do *Head in the clouds*, que tem diversas relações acontecendo dentro, como os prostitutas que buscam upgrades em suas ‘capas’, vendendo seu corpo original para conseguí-las, assim como a presença dos matusas que se utilizam desses corpos para realizar suas fantasias selvagens, inclusive de morte do corpo físico e, muitas vezes, pagam uma ‘capa’ nova para esses prostitutas.

Justamente, a partir dessa relação de corpo com espaço relacional, o enlace fica bem mais complexo, porque não estamos apenas falando de um espaço que é ocupado por esses indivíduos, mas de um espaço que significa esse corpo e o que ele representa. Quando temos um prostíbulo que reprograma seus prostitutas para que eles não possam voltar, por exemplo, estamos falando de uma entidade que não só opera como local de trabalho, mas que implica em uma série de significâncias que dizem de uma domesticação do corpo do outro.

Em *Carbono Alterado*, as relações que se colocam entre os poderes biológico e geográfico são diretamente conectados à força da possibilidade de trocar de ‘capa’, mas essa possibilidade não está à disposição de todos, do jeito que, aparentemente, parece estar e isso porque não falamos dos corpos para aluguel, dos novos cristãos, dos planos de troca de ‘capa’, e de uma série de elementos que tornam esses enlaces ainda mais intensos.

Logo, se queremos amarrar os espaços, os corpos e a distopia em um conjunto dessa análise proposta que incitamos neste trabalho, podemos apontar que:

1 – Os corpos indicam o poder de humano sobre humano: ou seja, as ‘capas’ e os espaços que elas ocupam (que são evidenciados pela forma), se comportam exercendo poder sobre outras ‘capas’, sejam eles ideológicos, comportamentais e/ou financeiros.

2 – Os corpos ocupam um Espaço específico: indicando que esse local tem a ver quem eles são e com os poderes que eles exercem.

3 – A cosmética, tanto urbana quanto de corpo, dizem respeito a quem aquele indivíduo é, de modo que se divide em setores e relações que podem ocorrer. As ruas, as praças e outros lugares de ampla convivência quase não são mostrados na série, já que o que realmente interessa é como lugares que categorizam ‘capas’ operam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira temporada inteira de *Carbono Alterado* opera sobre a noção de um corpo descartável. Um corpo que não importa e um corpo que pode ser substituído. Durante a análise proposta nesse trabalho, inclusive, tivemos alguma dificuldade de pensar em uma diferença entre as ‘capas’ e os corpos, já que parecem operar em lógicas um pouco diferentes entre si. A ‘capa’ não deixa de ser um corpo, mas em *Carbono Alterado*, não significa ou se quer aponta para o sujeito, muito pelo contrário, aponta para quais poderes ele tem sobre o outro e podem ser exercidos sobre ele.

Parece-nos interessante pensar que, no caso de *Carbono Alterado* o sujeito em si, numa visão de individualidade, personalidade e questões pessoais, é totalmente dependente da capa que ele ocupa, ou das capas que ele pode ter e ocupar, pois isso fala diretamente sobre o espaço o qual ele tem direito, ou pode ter.

A partir daí, começamos um relação direta das teorias de geopoder e biopoder, que convergiram no momento em que começamos a entender mais sobre a relação de corpo, espaço, poder e distopia, de modo que os conceitos passaram vergar para o um

senso em comum, o de que é possível modificar o homem, pela modificação do espaço, mesmo que em *Carbono Alterado* vejamos o caminho quase inverso dessa lógica, onde, ao modificar o (corpo do) homem, se modifica o espaço. E fomos além, tentando propor que um corpo pode ser compreendido pelo espaço, e que o segundo faz parte de toda a lógica de poder dessa sociedade distópica, formando um círculo retro-alimentar de quem exerce que poder, através de quais recursos, sobre quem e por onde.

REFERÊNCIAS

CARBONO *Alterado*, Produção de Netflix. Califórnia: Netflix, 2017. 10 episódios: Streaming, son., color. Legendado. Port.

CAVALCANTI-BRENDLE, Maria Betânia. A cidade dos ditadores. In **Continento Multicultural**, Recife, n.31, jul. 2003. Disponível em: << <http://www.revistacontinente.com.br/conteudo/960-revista/urbanismo/17954-A-cidade-dos-ditadores.html>>>. Acesso em 01 jun. 2018.

FERRARA, Lucrécia. Cidade: meio, mídia e mediação In **Revista Matrizes**, São Paulo, ECA/USP, 2008, Ano1, n. 2.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. **A cidade distópica como construção utópica**: uma discussão sobre a cidade como objeto da comunicação. Revista do programa de pós graduação da escola de comunicação da UFRJ. Vol. 14. N. 01. P. 116 – 129. Ano 2011a. Disponível em: << <http://goo.gl/WzuXiK>>> Acesso: 29 de ago. de 2017.

_____. **Admirável comunicação nova**: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias. Tese. Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. 2011b. Disponível em: << <http://goo.gl/vZMDX9> >> Acesso: 28 de ago. de 2017.

HARVEY, David. **O espaço como palavra-chave**. Revista GEOgraphia. Rio de Janeiro: UFF, v.14, n. 28, p. 8 - 39, 2012

_____. Cidades Rebeldes. **Do direito à cidade à Revolução Urbana**. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 2012.

KOLINSKI MACHADO, Felipe; COSTA, Vanessa. **Seriam as velhas ainda mulheres? Reflexões sobre gênero, (não) velhice e biopoder a partir de capas de Veja e Tpm**. 2018. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. v. 12. n.23. 2013. Santa Maria - RS.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**. Editora Garamond, 2008.

POGREBINSCHI, Thamy. **Foucault, para além do poder disciplina e do biopoder.**
Revista Lua Nova, Nº 63, 2004. Acesso em 01 jun, 2018
<<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a08n63.pdf>>>

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Editora USP. São Paulo, SP. 2004. 4ª edição.